

“Ontem já era tarde”

As salas de consumo já existem, a céu aberto, rodeadas de seringas, preservativos e lixo. Para quem consome, se abrissem ontem, já seria tarde. Mas a questão é difícil entre futuros vizinhos

Toxicod dependência Margarida David Cardoso

Lina tem 50 anos, filhos, netos e “a maior doença do mundo”. Aquela que a faz ter vergonha de mostrar à frente dos outros. “Princesa, vira a cara para lá, por favor.” Toda a equipa de rua vira-se para outras conversas à volta de uma mesa improvisada, rodeada de chapa e um colchão a fazer de parede ao fundo. “Na verdade, isto já é uma sala de consumo, mas nada disto é assistido”, reparou mal se tocou no assunto. “Já há muito tempo que devia existir, evitava-se tudo isto”, diz, atirando as mãos e os pés para a frente, sobre o lixo que não deixa ver o chão. Não tem razões para não frequentar o equipamento previsto para Alta de Lisboa. “Se abrisse ontem, já era tarde. Já muita gente se picou, já muita gente ficou doente, olhe, até já morreram.”

A sala junto ao Bairro da Cruz Vermelha, um dos focos de maior consumo na cidade, deve estar operacional no início de 2019, fruto da parceria entre a Câmara de Lisboa e a Crescer. Inês Costa e Marta Correia, psicólogas das equipas de rua da associação, procuram acompanhar a rotina do consumo de cocaína e heroína fumadas e injectadas a céu aberto. Todos os dias fazem uma ronda para distribuir material asséptico para consumo, água, preservativos, apoio. E em todas as paragens encontram quem reconhece a necessidade de um lugar seguro e limpo para consumir.

Primeiro, Inês e Marta entram pelo pequeno bosque onde se esconde a “sala” criada por Lina e companhia há pouco mais de um ano. É frequente mudarem-se, quando a pressão da polícia ou o vandalismo aperta.

A equipa continua pelas zonas onde o consumo de rua voltou em força nos últimos anos: param duas vezes em Alcântara, de cada lado da Avenida de Ceuta; outra equipa

andarà pelo Intendente e pela Mouraria.

O caminho entre o campo de milho não vai a meio e a voz de Valdemar já se ouve. Atropela-se com a euforia e a vontade de contar como foi “consumidor crónico durante 12 anos”, mas agora “tudo está controlado”. As mãos agarram os braços grossos, duros e frios enquanto diz às psicólogas que vão deixar de o ver, porque deixará de consumir.

Valdemar repete uma expectativa que Marta e Inês já ouviram muitas vezes e outras tantas não se concretizaram. “O tratamento é um processo muito longo, é preciso que a pessoa queira ir, tenha confiança nas instituições. E conquistar essa confiança em alguém que vive marginalizado pode demorar anos, com avanços e recuos. Aí as salas de consumo são um salto em frente: são uma forma de aproximar as pessoas às estruturas”, diz Inês.

A sala de Valdemar são dois blocos de cimento rodeados de seringas, velhos preservativos e as embalagens verdes dos kits de consumo que as associações distribuem. Em pouco mais de 20 minutos chegam duas, três, cinco pessoas. São invisíveis para quem passa na avenida lá em baixo. Ocultos nas traseiras de um prédio, entre a vegetação.

“Acha que alguém gosta de estar escondido nesta imundície?”, interroga o homem de 50 anos. “Quanto mais correr o risco de morrer aqui.”

A alguém como António Moura, 69 anos, que morou três décadas no Casal Ventoso até o supermercado da droga ter vindo abaixo, “a vida ensinou a olhar por esses moços, a ter pena deles”. É por isso que quer que se concretize tudo “o que lhes possa dar alento”. Vítor Santos, ao lado e menos 15 anos sobre os ombros, repete um sentimento comum: “Eu nem sou a favor nem contra, desde que não me chateiem.”

Mas sossego é o que Maria Silva Santos teme perder. A poucos



Porto ainda pondera se quer avançar

Fez-se um estudo e o respectivo relatório. Criou-se uma comissão e espera-se agora um novo relatório. Praticamente dois anos depois de os deputados municipais do Porto terem decidido avaliar a criação de salas de consumo assistido na cidade, a autarquia continua a ponderar se avança ou não. O estudo que os deputados do Porto pediram à câmara deu luz verde à criação das salas. A grande maioria dos inquiridos pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto viam-na com bons olhos. Depois de conhecidas

as conclusões há seis meses, foi reactivada a comissão de deputados que acompanhou o estudo para que fossem ouvidos também peritos e associações da área das dependências.

No final da próxima semana realiza-se a última de três rondas de audições. Depois, a comissão deve redigir um relatório que levará a Assembleia Municipal a discutir novamente o tema, explicou Pedro Lourenço (BE), membro da comissão.

Até lá, a Câmara do Porto “não tem posição fechada” sobre o assunto, esclareceu a assessoria de imprensa do município.

metros da sua mercearia, o último vestígio de comércio na segunda metade da rua do Arco do Carvalhão, um edifício devoluto da câmara dará lugar à sala de consumo gerida pela associação Ares do Pínhall. “É óbvio que se eles existem têm que ter acompanhamento, mas aqui ninguém tem culpa disso. Isso é juntar a fome à vontade de comer”, diz aos 80 anos. É o receio de que regressem os flagelos do antigo Casal Ventoso. “Você sabe como era antes? O sobe e desce a toda a hora, a gente a ter que os mandar sair daqui. Ninguém quer a droga à porta”, atira Eva Rodrigues, 65 anos, a freguesa sentada à sombra da loja.

Muitos moradores e responsáveis de associações locais – tanto em Alcântara como no Lumiar – questionam porque se quer “centralizar o



Frequência do consumo de heroína

Utilizadores frequentes dos 15 aos 74 anos



Consumiram uma ou mais vezes por semana nos 12 meses anteriores

Utilizadores frequentes com 18 anos (Inq. Dia da Defesa Nacional – 2016)



Consumiram quase todos os dias no mês anterior ao questionário

Fonte: IV Inquérito Nacional ao Consumo e Substâncias Psicoativas na População Geral

Consumo de opiáceos em Portugal

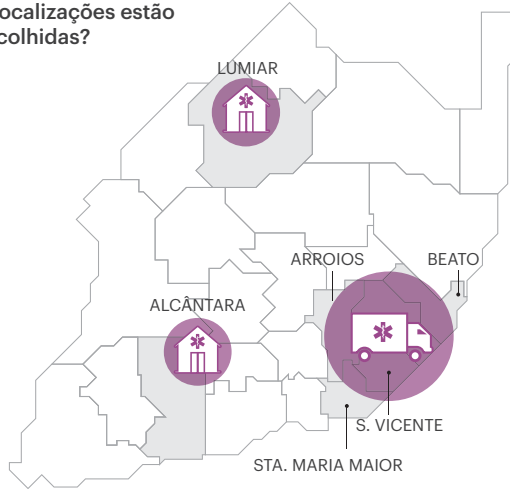
A grande maioria dos consumidores de opiáceos é do sexo masculino



Total da população estimada = 33.290

Opiáceos: heroína, metadona/buprenorfina não prescritas, outros) nos últimos 12 meses (2015). 15-64 anos, em Portugal Continental

Que localizações estão já escolhidas?



S. VICENTE, BEATO, ARROIOS, STA. MARIA MAIOR

A sala de consumo móvel actuará nas freguesias de Arroios, Santa Maria Maior e Beato e terá, num espaço reduzido, as mesmas valências das estruturas fixas.

ALCÂNTARA

Uma das salas de consumo f-ixa será na rua do Arco de Carvalhão, perto da Avenida de Ceuta, num edifício municipal já existente, que será reabilitado para o efeito.

LUMIAR

A sala de consumo fixa do Lumiar ficará sediada na rua n.º 10 do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, perto do Eixo Norte-Sul e da Avenida David Mourão-Ferreira, num edifício ainda a construir.

Fonte: PÚBLICO

Moradores poderão sinalizar consumidores às associações

Uma sala de consumo assistido não pode abrir portas sem integrar as comunidades locais. Sem que estas compreendam e reconheçam a sua necessidade. É este o entendimento das associações responsáveis pelas salas fixas que vão abrir em Lisboa, em parceria com a câmara, no início do próximo ano: uma em Alcântara, responsabilidade da associação Ares do Pinhal, outra na Alta de Lisboa, a cargo da Crescer. Fazer dos moradores “parte da solução” pode ser o primeiro passo. Para isso, a Ares do Pinhal vai convidar instituições locais e vizinhos a visitar o espaço (em momentos sem utilizadores), num prédio municipal no final da rua Alto do Carvalhão. “A sala não pode ser um bunker, criar medo às pessoas. Queremos mostrar como aquele espaço protege a comunidade e o doente”, diz Elsa Belo, directora do programa de consumo vigiado da associação.

Vão ainda ser disponibilizados contactos para que moradores possam sinalizar zonas de

consumo e consumidores. “Se um morador sabe que todos os dias há uma pessoa que consome junto ao seu prédio, pode ligar à equipa e esta tem a possibilidade de oferecer ajuda”, explica Elsa Belo.

Isso dará à associação a possibilidade de contactar com uma franja da população toxicod dependente que se mantém à margem de qualquer tipo de apoio — cerca de 20% dos consumidores, estimam Elsa e Sofia Pinteus, coordenadora técnica das equipas que contactam com cerca de 1200 pessoas diariamente em cinco zonas da cidade. “Os consumos podem levar a um total alheamento institucional, familiar, social”, por isso, ao facilitar o contacto com associações e serviços de saúde, as salas são um investimento no tratamento, considera Elsa.

“A reabilitação não se faz se não chegamos às pessoas”, completa Sofia. É preciso construir relações de confiança para que se possa encaminhar, quem queira, para tratamento.

problema” na zona onde vivem ou trabalham, “reforçando o rótulo” de zonas já marginalizadas. Receiam que as duas salas de consumo assistido fixas atraiam consumidores e vendedores de outras zonas da cidade. Que alimentem a curiosidade dos jovens em territórios onde já são assediados pelo consumo. “Terá que haver um trabalho significativo na informação e desmistificação do que é” este projecto, sublinha a direcção da Associação de Residentes do Alto do Lumiar (ARAL).

A localização das salas de consumo baseou-se num estudo que identifica os lugares de maior consumo na cidade e deu conta de que a maioria dos 1400 consumidores identificados “não sairiam dos seus bairros para consumir”. Por isso, “as respostas têm que estar onde as pessoas estão”, refere Inês Costa.

“Precisamos de habitações”

Na Alta de Lisboa o passado fustigado pelo consumo está igualmente presente. Mais naqueles que vivem junto ao Bairro da Cruz Vermelha, menos nos novos moradores desta zona da cidade em constante crescimento. Isso influencia as posturas: “Quem vive mais próximo dos locais de consumo vê o programa como positivo, mas muitos moradores que não têm o problema à porta de casa são mais cépticos”, retrata a ARAL. Mas há sempre excepções. A droga senta-se à mesa de quase todas famílias que Ana Paula Matoso conhece. Passa dos pais para filhos. Se não é o consumo, é tráfico, quando não as duas coisas. Também ela esteve presa duas vezes. “Se me perguntasses há uns anos se concordava com as salas de chuto dizia-te logo que sim.

Convinha-me. Até montava uma banquinha à porta. Mas hoje concordo é que haja centros para tratar os toxicod dependentes. Psicólogos e terapautas que ajudem estes moços, porque isto é uma grande doença”, afirma.

Ana Paula nasceu há 53 anos no Bairro da Cruz Vermelha. “Uma pessoa ao longo dos anos vê muita coisa e aprende-se que o toxicod dependente não vai sair da rua, não é?”, diz, lançando a pergunta para o outro lado da mesa do café onde Cidália Figueiredo acena em concordância. Quando a discussão chega a Tânia Santos, 30 anos, esta arremessa para outra questão: “A gente precisa é de habitações, de melhores escolas.” E a ARAL partilha os lamentos sobre “a falta de empenho na resolução de outros problemas do território que inevitavelmente também são complementares” ao consumo de dro-

ga. “As pessoas têm dificuldade em compreender que a câmara invista noutras coisas e não na escola dos seus filhos”, exemplifica o presidente José Almeida.

“Coisa normal”

Do minimercado onde trabalha há 18 anos Maria de Lurdes Mbanguine, de 47, assiste à “luta indigna” de que tem “a doença da droga”. Não é raro cruzar-se com seringas no chão e “jovens em desespero”. Se tivesse uma vida mais folgada, voluntariava-se para ajudar na sala que há-de abrir. “Era uma maneira de ajudar aqueles miúdos que ninguém nos livra de serem os nossos filhos.”

Se há coisa que Evelize Costa, assistente operacional numa escola, aprendeu nos anos em que trabalhou como mediadora junto de con-

sumidores, num projecto do extinto Instituto da Droga e Toxicod dependência, é que quem consome precisa de um espaço digno e seguro, onde “alguém esteja lá para eles”.

O sucesso das salas depende da forma como a comunidade for envolvida, defende “Vivi”, como é conhecida. “Se isto não for trabalhado nas instituições locais, nas escolas, junto dos jovens, o espaço vai ser vandalizado”, diz-lhe a experiência. Importa formar mediadores. E aproveitar para trabalhar a prevenção nas escolas, a reinserção fora delas, diz esta dirigente da associação Espaço Mundo. “As pessoas têm coração, só temos de lhes mostrar que isto não é montar um altar à droga. Eles já a consomem, devemos é deixar que o façam com dignidade.”

margarida.cardoso@publico.pt